

Índios também protegiam a exploração de madeira

Os caiapós armados com carabinas, de Serra do Cachimbo, faziam a segurança de uma madeireira

João Pinuca Rodrigues -- 6/jul/98

SERRA DO CACHIMBO, PA (AG) – O Ibama e a Polícia Federal conseguiram flagrar, pela primeira vez, índios caiapós envolvidos com madeireiros que retiram mogno ilegalmente de áreas indígenas no Sul do Pará. Na maior operação já montada pelos dois órgãos para reprimir a extração ilegal de madeira na região, 70 agentes e fiscais, apoiados por um helicóptero da PF, entraram na reserva dos índios mecranotire (caiapós), na Serra do Cachimbo, e descobriram ali um sistema industrial de retirada de mogno - cujo corte é proibido por decreto presidencial - protegido por oito guerreiros indígenas armados com carabinas calibre 22.

Doze homens brancos acampados foram presos e vão responder por crime ambiental (Lei 9.605). O Ibama apreendeu 614 toras de mogno, avaliadas em R\$ 1,5 milhão (mercado interno), empilhadas no pátio principal dos madeireiros, chamado por eles de "esplanada central". Quatro caminhões e uma empilhadeira também foram apreendidos e retirados imediatamente. Os agentes só não conseguiram levar o rádio amador que funcionava no acampamento, pois o chefe dos guerreiros, Cruite, pôs o aparelho debaixo do braço e disse que era dele.

O sigilo que cercou a operação surpreendeu os madeireiros, que até então usavam os índios para impedir a entrada de fiscais e policiais na região. Para garantir o sucesso do trabalho, o Ibama contou com o apoio da Funai, que enviou cinco funcionários para convencer os caciques e seus guerreiros de que a fiscalização era necessária.

Surpreendidos com a chegada do comboio, no domingo, os guerreiros mecranotire - da aldeia Cubemcocre - não reagiram. Na entrada da reserva, a 105 quilômetros da BR-163 (Cuiabá-Santarém), cinco índios montavam guarda num acampamento para controlar a saída dos caminhões carregados de madeira. Trinta quilômetros adentro, na esplanada central, mais três guerreiros foram encontrados fazendo companhia ao pessoal envolvido no esquema clandestino de corte de mogno.

Comboio de agentes dribla madeireiros

SERRA DO CACHIMBO, PA (AG) – Para iludir os madeireiros, os agentes tiveram de partir de Marabá, em comboio, e percorreram mais de 1.300 quilômetros em quatro dias de viagem até chegar ao ponto exato, onde funciona ativamente o maior esquema de produção para o mercado negro de mogno no Brasil. Esgotadas as reservas particulares, desde 1990 os madeireiros aliciaram os índios para avançar com as motoserras em florestas amazônicas até então intocadas.

Num primeiro momento, o alvo era a reserva dos panará. Mas durante o trajeto os agentes prenderam três madeireiros, que indicaram a reserva mecranotire.

- Atiramos no que vimos e acertamos no que não vimos - festejou o chefe da Divisão de Fiscalização do Ibama, Rodolfo Costa Lobo.

Como os caiapós e panarás são conhecidos como hostis - ambos são povos guerreiros - a Funai e o Ibama conseguiram convencer os caciques Megarom e Raoni - os dois principais líderes na região - a acompanhar a operação e evitar conflitos. Eles ficaram no Campo de Provas Brigadeiro Veloso, uma base da FAB na Serra do Cachimbo. A maior preocupação era a possibilidade de reação armada dos guerreiros e o inevitável revide dos policiais, armados com fuzis AR-15, metralhadoras e escopetas calibre 22.

PF encontra as provas do crime

SERRA DO CACHIMBO, PA (AG) – Além dos equipamentos, a PF encontrou provas documentais que poderão levar à prisão dos principais envolvidos - madeireiros em Castelo dos Sonhos, Redenção e Guaratã do Norte, que financiam o corte e a retirada da madeira, mas nunca vão à área de extração. Entre os documentos, havia autorizações de transporte de produtos federais (TPF) semipreenchidas, recibos de remessa de toras da madeireira Universal para a madeireira Marcon e um cheque de R\$ 17 mil, de uma companhia de táxi-aéreo.

Lobo explicou que os TPFs (documentos emitidos pelo Ibama) e os recibos são usados para "esquentar" as madeiras contrabandeadas. Segundo ele, a madeireira Universal é a única na região a ter plano de manejo - única forma permitida de retirada de madeira de lei. A máfia do mogno estaria usando recibos dessa empresa para circular sem problemas pelas estradas federais com a madeira retirada das terras indígenas. O mesmo ocorre com as TPFs semipreenchidas.

Outra prova importante é o símbolo pintado na empilhadeira apreendida, MF, que, segundo Lobo, significa Madeireira Ferreira. A empresa pertence a Marcos Ferreira, irmão de um dos maiores exploradores de mogno do Sul do Pará, Osmar Ferreira, que está na mira das autoridades federais desde 1990. Ele é suspeito de financiar as extrações em terras indígenas, pagando aos caciques valores irrisórios, que normalmente não são divididos com o resto da tribo.

Um dos presos, o operador de empilhadeira Francisco Bezerra de Aguiar, de 21 anos, disse que a esplanada central recebia uma média diária de quatro caminhões carregados com toras, procedentes de pontos distantes dentro da reserva.



A extração e o contrabando de mogno ocorrem também no Amazonas. O transporte é feito pelo rio

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	Aceítica
Data	12/8/98 Pg. C-4
Class.	Koyapo MESTIZIA